



THE WALL: ASPECTOS DA VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NA EDUCAÇÃO

THE WALL: SYMBOLIC ASPECTS OF VIOLENCE IN EDUCATION

Cíntia Morelli Rosa¹

RESUMO: O presente artigo aborda a questão da dominação simbólica, especialmente a violência simbólica vinculada à Educação. Tem como aporte teórico os estudos do filósofo francês Pierre Bourdieu (1994, 1998 e 2007). A proposta de análise refere-se à constante presença da violência no ambiente escolar, principalmente quando esta acontece de forma velada e com interesses específicos da classe dominante, caracterizando-se como violência simbólica. Com o objetivo de contribuir com o estudo, apresentamos um trecho do filme *Pink Floyd The Wall*, quando este envolve uma situação escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Violência Simbólica; *The Wall*.

ABSTRACT: This article addresses the issue of symbolic domination, especially the symbolic violence related to Education. As a support we have the theoretical studies of the French philosopher Pierre Bourdieu (1994, 1998 and 2007). The proposed analysis refers to the constant presence of violence in the school environment, especially when this happens covertly and with specific interests of the ruling class, characterized as symbolic violence. Aiming to contribute with to the study, we present an excerpt of the film *Pink Floyd The Wall*, since it involves a school situation.

KEYWORDS: education, symbolic violence, *The Wall*.

INTRODUÇÃO

A violência é um tema bastante recorrente nas discussões atuais, sejam elas no campo da educação, da política, das instituições de segurança, da família, da mídia, etc. Cotidianamente convivemos com o fator violência quase que como um fato natural na vida humana: acidentes trágicos, brigas entre conhecidos e estranhos, balas perdidas, assaltos, porte de armas, exploração sexual, racismo, entre outras formas de manifestação. Além desses elementos explícitos de violência, nos deparamos com outra modalidade: a violência velada e camuflada. Esse tipo de violência surge de atitudes repressivas e autoritárias, das quais, muitas vezes, não nos damos conta, pois elas já sofreram um processo naturalizador e estão incutidas em nossas vidas, até



dentro de um contexto social e cultural. É essa modalidade de violência que o filósofo Pierre Bourdieu categorizou como violência simbólica da qual nos valem para a reflexão acerca da Educação neste artigo. No entanto, consideramos que tal violência ocorre também de forma significativa em outras instituições da sociedade, como política, mídia, Estado, família, etc, mas que, neste momento, não estão em nosso foco de atenção, embora estejam relacionadas com a Educação em âmbitos diversos.

O que nos chama mais a atenção é a presença da violência – seja ela física ou simbólica – nos processos educativos, campo que envolve sistema de ensino, instituição escolar e todos os agentes envolvidos nessa relação: professor, aluno, direção, coordenação e família. Nesse sentido, abordaremos neste trabalho alguns aspectos da violência simbólica atrelada à Educação e, ainda, sua relação com o filme *Pink Floyd The Wall*, especialmente no trecho em que este apresenta um clipe envolvendo uma situação escolar.

CONCEITOS FUNDAMENTAIS DA TEORIA DE PIERRE BOURDIEU

Este trabalho toma como embasamento teórico o estudo do filósofo francês Pierre Bourdieu, cujas reflexões abordaram a questão dos processos legitimadores impostos pelas classes dominantes na busca da disseminação de uma cultura. Considerando os aspectos sociais e culturais vividos pelo homem, Bourdieu lançou certos conceitos tomados como instrumentos teórico-metodológicos que contribuem significativamente para os estudos sociológicos. Partiram dele as noções de *habitus*, campo e violência simbólica.

No capítulo A Gênese dos Conceitos, da obra *O Poder Simbólico* (2007), Pierre Bourdieu mostra o caminho percorrido para se chegar ao conceito de *habitus*. Segundo ele, “a noção de *habitus* exprime sobretudo a recusa a toda uma série de alternativas nas quais a ciência social se encerrou, a da consciência (ou do sujeito) e do inconsciente, a do finalismo e do mecanicismo, etc”. Dessa forma, ele permite entender a noção de *habitus* tendo como paralelo as teorias de estudiosos como Panofsky, Marx, Hegel, Husserl, Mauss, entre outros, de maneira a fazer uma retomada da palavra em sua tradição.

Por isso a apropriação activa de um modo de pensamento científico, ainda que muitas vezes desacreditada como imitação servil de epígono ou como aplicação mecânica de uma arte de inventar já inventada, é tão difícil e tão rara, não só pelos efeitos de conhecimento que produz, como também pela sua elaboração

Cíntia Morelli Rosa



inicial. Uma das inúmeras razões de particular dificuldade das ciências sociais está no facto de exigirem união de uma grande ambição com uma extrema humildade: humildade necessária para conseguir dominar praticamente todo o conjunto dos conhecimentos adquiridos, dispersos e pouco formalizados, da disciplina, incorporando-o, como modo de *habitus*; ambição indispensável para tentar totalizar numa prática realmente cumulativa o conjunto dos saberes e do saber-fazer acumulados em todos os actos de conhecimento – e por meio deles – realizados pelo colégio dos melhores, no passado e no presente. (BOURDIEU, 2007, p. 64)

É nesse sentido que Bourdieu apresenta o conceito de *habitus* como a incorporação de conhecimentos pelo indivíduo, ou seja, os pensamentos, as idéias, as representações de mundo que as pessoas vão acumulando ao longo de sua vida, enfim, comportamentos cotidianos que se tornam comportamentos culturais. Estão incluídas nesse processo as relações familiares, profissionais, políticas, religiosas, etc, que contribuem para a formação social desse indivíduo e que o torna capaz de tomar certas posições em detrimento de outras.

Conforme Silva (2004), ao apresentar a noção de *habitus*, Bourdieu faz uma crítica à fenomenologia e ao objetivismo abstrato, aproximando-se de Karl Marx:

Com esta noção de *habitus*, Bourdieu procurou mostrar que, ao contrário do que pensa a fenomenologia, o sentido da ação humana não é livremente determinada pelo indivíduo e que, ao contrário do que pensa o objetivismo, o homem possui uma certa liberdade para direcionar suas ações. Em outras palavras, a noção de *habitus* é um instrumento metodológico criado por Pierre Bourdieu para mostrar que – como já havia afirmado Marx – o homem faz a sua história, mas dentro de certas condições (SILVA, 2004, P. 230).

Assim, Bourdieu quis ressaltar que o homem não é livre de suas relações sociais para tomar decisões no mundo, ao mesmo tempo em que não é um objeto do mundo. Com isso, ele critica o subjetivismo idealista que pressupõe um espírito absoluto e criador e também o objetivismo abstrato na medida em que o homem é tido como parte de uma estrutura objetiva e acabada.

A noção de campo instituída por Bourdieu é uma forma de explicar as mudanças ocorridas em campos diferenciados, como na cultura, na arte, na política, na literatura, na ciência, etc. De acordo com Silva (2004), para o estudioso francês, os fenômenos culturais de forma geral não evoluem fechados em si mesmos e nem ocorrem como reflexo de mudanças em determinada estrutura social.



Na avaliação de Bourdieu, estas correntes opostas de pensamento ignoravam que, tanto o campo da cultura, como o campo da arte ou o campo da literatura, cada um por sua vez, é um espaço social constituído de relações objetivas que envolvem agentes sociais específicos em cada um destes espaços, e que são estas relações que condicionam a transformação ou a conservação dos fenômenos culturais, artísticos ou literários (SILVA, 2004, p.235).

De acordo com Bourdieu:

Compreender a gênese social de um campo, e apreender aquilo que faz a necessidade específica da crença que o sustenta, do jogo de linguagem que nele se joga, das coisas materiais e simbólicas em jogo que nele se geram, é explicar, tornar necessário, subtrair ao absurdo do arbitrário e do não-motivado os actos dos produtores e as obras por eles produzidas e não, como geralmente se julga, reduzir ou destruir (BOURDIEU, 2007, p.69).

Partilhando dessa teoria, podemos compreender que o homem participa das transformações sociais de forma objetiva tendo o campo – político, religioso, cultural, artístico, literário, educacional, etc – como um espaço social² onde ocorrem tais relações.

Cada um desses campos possui um poder legitimador que age de maneira simbólica sobre os envolvidos. Há, portanto, uma luta de interesses econômicos ou ideológicos que operam sobre essas transformações.

Na luta pelo poder simbólico que ocorre em cada um dos campos relativamente autônomos do espaço social, os agentes sociais produzem produtos simbólicos que visam à conservação ou à transformação de um determinado campo e, por meio destes produtos, a transformação ou a conservação do mundo social (SILVA, 2004, p.236-237).

A QUESTÃO DA DOMINAÇÃO E DA VIOLÊNCIA SIMBÓLICA

Embora os conceitos de *habitus* e campo sejam bastante pertinentes, para este trabalho teremos como foco central a questão da dominação simbólica, especialmente o estudo da violência simbólica.

O termo simbólico é bastante característico da teoria de Bourdieu. O estudioso fala em sistemas simbólicos que representam algo que não quer se fazer ver, mas que pode ser reconhecido. “O poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido

² Espaço social para Bourdieu é o chamado “espaço multidimensional” onde está um conjunto de campos que são relativamente autônomos. As possibilidades de conservação ou transformação social ocorrem no interior desses campos, conforme lutas simbólicas travadas pelos indivíduos.



com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (Bourdieu, 2007, p. 7-8). Para ele, a produção/reprodução cultural não se dá apenas no nível material e econômico, mas também no nível cultural. Tais produtos simbólicos funcionam como instrumentos de dominação e legitimadores do poder e da cultura:

Este efeito ideológico produz a cultura dominante dissimulando a função de divisão na função de comunicação: a cultura que une é também a cultura que separa e que legitima as distinções compelindo todas as culturas a definirem-se pela sua distância em relação à cultura dominante (BOURDIEU, 2007, p. 11).

A produção simbólica na vida social visa o processo legitimador das forças dominantes, manifestando concepções de mundo, gostos, costumes e estilos de vida.

O poder simbólico, poder subordinado, é uma forma transformada, quer dizer, irreconhecível, transfigurada e legitimada, das outras formas de poder: só se pode passar para além da alternativa dos modelos energéticos que descrevem as relações sociais como relações de força e dos modelos cibernéticos que fazem delas relações de comunicação (BOURDIEU, 2007, p. 15).

Partindo desse princípio do simbólico, temos a violência simbólica como o conjunto de ações que agredem camufladamente ou dissimuladamente o indivíduo:

Violência suave que ocorre onde se apresentam encobertas as relações de poder que regem os agentes e a ordem da sociedade global. Neste sentido, o reconhecimento da legitimidade dos valores produzidos e administrados pela classe dominante implica o ‘desconhecimento’ social do espaço, onde se trava, simbolicamente, a luta de classes (BOURDIEU, 1994, p. 25).

Esse tipo de violência é mais comum e presente em nossa vida do que podemos imaginar, como nas relações familiares, na discriminação racial, na imposição de padrões culturais, entre outros.

De forma geral, Pierre Bourdieu criou o termo violência simbólica para descrever o processo pelo qual a classe dominante economicamente impõe sua cultura aos dominados, fazendo parecer natural um processo legitimador da cultura que favorece apenas seus próprios interesses.

A EDUCAÇÃO COMO FORMA DE VIOLÊNCIA SIMBÓLICA

Cíntia Morelli Rosa



O espaço escolar é, entre outros, um ambiente em que – não raro – acontecem diversos casos de violência, sejam elas de alunos para com alunos ou entre alunos e professores. A mídia mostra quase que cotidianamente fatos envolvendo brigas de gangues na escola, agressões contra professores, casos de vandalismo e até portes de armas por adolescentes e jovens. Por esse motivo, a violência escolar costuma ser um tema de debates e discussões no âmbito da educação nacional.

O assunto da atualidade é o fenômeno *bullying*, em que os educandos cometem atitudes agressivas por repetidas vezes contra seus colegas a fim de os ridicularizar. Encaixam-se nessa modalidade de violência, por exemplo, os apelidos movidos pela aparência física da criança. O *bullying* também está sofrendo modificações culturais e já é uma realidade bastante recorrente entre adolescentes e jovens nas suas relações virtuais, é o chamado *cyberbullying*, cometido por meio de sites de relacionamento, e-mail e espaços de conversas instantâneas.

Sendo assim, a escola e a Educação se configuram como importantes objetos de estudo quando se fala em violência. Para este trabalho, extrapolaremos tal conceito ressaltando seu processo simbólico, em que a violência física dá lugar à violência velada e camuflada, uma espécie de agressão não menos invasiva ou dolorida. É através da violência simbólica que o processo de dominação se legitima.

A escola é uma instituição submetida ao Estado e este é controlado por grupos econômicos dominantes. A condição para estes grupos dominarem é que o povo aprenda a trabalhar de modo passivo e alienado. Por isso, a escola é organizada de modo a fornecer este tipo de educação (FLEURI, 2001, p. 44).

Nesse sentido, o ambiente escolar também possui a função de integração cultural, de forma a privilegiar certos costumes e hábitos em detrimento de outros.

Em uma sociedade onde a transmissão cultural é monopolizada por uma escola, as afinidades subterrâneas que unem as obras humanas encontram seu princípio na instituição escolar investida da função de transmitir conscientemente o inconsciente, ou melhor, de produzir indivíduos dotados deste sistema de esquemas inconscientes que constitui sua cultura. (BOURDIEU, 1998, p.211-212).

A maior violência cometida pelo sistema educacional é a limitação ou cerceamento das possibilidades de reflexão. Assim, a educação brasileira impõe certos tipos de rituais que



permitem ou não que o indivíduo esteja habilitado a um crescimento e desenvolvimento profissional. O vestibular, o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), o Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade) são apenas alguns exemplos de mecanismos de avaliação que buscam padronizar e quantificar o conhecimento de forma homogênea, desconsiderando o indivíduo em suas particularidades e como membro ativo deste processo³.

O que os indivíduos devem à escola é sobretudo um repertório de lugares-comuns, não apenas um discurso e uma linguagem comuns, mas também terrenos de encontro e acordo, problemas e maneiras comuns de abordar tais problemas comuns (BOURDIEU, 1998, p. 207).

A crítica que Bourdieu deixa à Educação apresenta-se na medida em que esta perde seu papel de instância formadora, transformadora e democratizadora; de ambiente privilegiado para a universalização e reflexão do saber e assume o papel de entidade autoritária, legitimadora e disseminadora de padrões culturais da classe dominante.

Tal posição imposta pela instituição escolar não é percebida pelos agentes, que acabam por aceitar a violência sofrida. Alunos, professores e todos os envolvidos na educação se submetem e se conformam com o funcionamento do sistema, reproduzindo ao longo de suas vidas esse tipo de violência simbólica.

THE WALL: WE DON'T NEED NO EDUCATION

Como parte complementar desse estudo da violência simbólica e sua relação com a Educação, trazemos para reflexão o filme *Pink Floyd The Wall*, de autoria de Alan Parker, o qual aponta vários tipos de violência simbólica, entre eles a violência escolar. A obra, uma espécie de animação musical, foi baseada no álbum *The Wall*, da banda Pink Floyd. Possui um estilo diferenciado por apresentar poucos diálogos e mais clipes de músicas da banda.

Tem como temática central a história de vida do roqueiro Pink Floyd, que apresenta sérios problemas depressivos. A primeira cena do filme mostra Pink em frente a uma televisão em um quarto de hotel praticamente destruído e escuro. Em seguida, surgem flashes da Segunda Guerra Mundial que retratam a morte do pai de Pink, o que pode justificar o seu estado

³ Vale lembrar que Bourdieu descarta o indivíduo isolado e determinado por condições objetivas, e privilegia o sujeito portador de uma bagagem social e culturalmente herdada.



depressivo. Tal acontecimento permite a aparição de cenas em que o cantor surge como um ditador, inclusive com as fardas militares. Uma delas retrata o menino Pink encontrando o uniforme militar de seu pai, que o veste e o vê já como adulto na função de um soldado ditador.

A infância, adolescência e juventude do roqueiro são retratadas de maneira fragmentada, ora uma fase de sua vida, ora outra, sempre com videoclipes das músicas que tenham alguma ligação com o momento vivido.

Já adulto e roqueiro de sucesso, Pink se casa mas não consegue vencer a depressão e despreza sua esposa, que passa a traí-lo. Cenas de traição da esposa com o amante são apresentadas repetidas vezes como um tormento na vida de Pink. O roqueiro então, leva uma prostituta para o seu quarto mas não consegue relacionar-se com ela e sofre de um ataque nervoso quebrando todo o quarto. A partir dessa cena, Pink é retratado como louco e chega a ser “violentado” por seu empresário que, junto com o gerente do hotel e alguns paramédicos, descobrem Pink e injetam drogas nele para que este possa se apresentar. As drogas levam Pink a alucinar, imaginando ser um ditador e seu show uma manifestação, onde ele manipula a platéia e usa seu poder para que a platéia siga em frente e “limpe o mundo dos males das sociedades”. Enquanto Pink canta, martelos em passo de ganso andam sobre Londres.

Já no final do filme, Pink passa a pensar sobre o seu passado, pois está cansado de viver assim. Começa então uma série de reflexões na sua mente que são representadas por cenas em que Pink é uma pequena boneca que mal se move, o juiz é um par gigantesco de nádegas, o advogado é uma figura alta e ameaçadora. Mãe, esposa e professor (este último, uma marionete) depõem contra ele, e a sentença do juiz é que acabe seu isolamento do mundo externo. Nesse momento, o muro se destrói e crianças caminham na rua entre seus destroços.

O termo inglês *The Wall* significa o muro. No filme, aparecem várias cenas de um muro metafórico que simboliza isolamento e alienação.

Uma das partes do filme retrata a fase escolar de Pink que, sentado em um banco escolar, é humilhado por seu professor por compor poemas. Nesse momento, aparece o clipe da música *Another Brick In The Wall* Parte 2, fator que nos chamou a atenção para a tomada do filme como



parte deste trabalho. A letra da música sugere uma atitude de rebeldia contra o autoritarismo do professor e do sistema educativo no geral:

We don't need no education.

Nós não precisamos de não educação.

We don't need

Nós não precisamos

no thought control.

De controle mental.

No dark sarcasm in the classroom.

Sem sarcasmo negro na sala de aula.

Teachers, leave them kids alone.

Professores, deixem essas crianças em paz!

Hey! Teacher! Leave them kids alone!

Hey! Professores! Deixem essas crianças em paz!

All in all it's just another brick in the wall.

No total isto é somente mais um tijolo no muro.

All in all you're just another brick in the wall.

No total você é somente mais um tijolo no muro.

A cena mostra professores indo para as salas de aula ao soar o sinal, alunos estão em suas carteiras enquanto um professor ditador percorre a sala numa atitude austera e de vigilância. Ao se deparar com Pink, o professor pede para ler seus escritos, percebe que são poemas e acaba por humilhar o garoto chamando-o de mocinha na frente dos outros colegas. A aula continua com os alunos repetindo várias vezes o que o professor está ensinando. Em seguida, o vídeo mostra o mesmo professor sendo humilhado na sua casa por sua esposa, intercalando com imagens dos alunos sofrendo os maus tratos de seu educador. Fica evidente, nesse trecho, a reprodução de atitudes violentas sejam elas simbólicas ou não. Esse processo de reprodução nada mais é do que a legitimação de um poder simbólico que poderá continuar sendo reproduzido, como num efeito dominó.



Ao começar a música *Another Brick In The Wall*, surgem várias crianças organizadas em filas e andando ao mesmo passo. O ritmo da música expressa um marchar que nos remete à ditadura. A imagem sugere o ritmo de produção de uma fábrica, até que as crianças aparecem com os rostos desfigurados e iguais, sendo comandadas pelo professor ditador que grita: *Errado, faça de novo!*. A cena apresenta-se de modo mais forte no momento em que cada aluno, um a um, cai dentro de uma máquina de moer carne. Em seguida, as crianças se rebelam, tiram suas máscaras, saem das engrenagens e derrubam as carteiras, enquanto um grande muro de tijolos vai sendo destruído a marretadas e o professor sendo carregado por seus “pupilos”.

Apenas nesse trecho do filme, podemos elencar diversos elementos de violência, especialmente a simbólica. A própria instituição escola, a figura do professor e a forma como acontece o processo educativo são características de violência simbólica pelo simples fato de tentar legitimar a disciplina e o conhecimento tidos por tais instituições como ideais e aceitáveis na sociedade. Ao tentar fazer com que os alunos apenas recebam as informações sem as processarem ou nelas refletir, a instituição escolar promove um tipo de violência simbólica que, ao longo de muitos anos, se tornou um fato aceito como única forma de transmissão de conhecimento.

O distanciamento entre professor e aluno fica evidente não apenas pela atitude e postura do educador, mas pela própria disposição dos móveis na sala de aula: professor na frente e alunos enfileirados apenas podendo interagir quando convidados pelo mestre. Nesse sistema, os alunos são vistos de forma generalizada, desconsiderando suas experiências de vida, por esse motivo são representados com máscaras iguais e desprovidas de traços individuais. O mesmo sentido ocorre no momento em que todos caem na máquina de moer carne, tornando-se uma massa homogênea. Utilizando a metáfora do filme, por meio do sistema educacional, todos são mais um tijolo no grande muro da vida. A postura esperada contra a supremacia dessa violência simbólica é uma outra forma de violência: a rebeldia, a revolução e o caos.

Na atualidade, esse modelo tradicional de Educação está sendo revisto, de forma que algumas correntes de pensamento pressupõem a interação professor-aluno para a construção do conhecimento. No entanto, ainda assim, a classe dominante representada pelo Estado institui leis



e normas que regem a educação brasileira de modo que de uma forma ou de outra a violência simbólica sempre acontecerá.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas reflexões apontadas neste artigo, percebemos que a violência faz parte da convivência humana, seja ela em práticas agressivas ou repressivas, cometidas entre pessoas físicas ou por instituições. De qualquer forma, esse processo naturalizador da violência precisa ser compreendido e combatido na medida do possível.

Contraditoriamente, a escola e o sistema educacional, que deveriam ser os grandes promotores de uma consciência crítica perante a dominação, são justamente os disseminadores desse tipo de violência simbólica, fazendo parecer natural o fato de o ser humano estar sempre submetido a normas de comportamento e de hábitos.

É nesse sentido que este trabalho aborda a Educação de uma forma geral, englobando tanto a instituição escolar como o sistema de ensino brasileiro e a relação professor-aluno. Em todas essas instâncias a violência se solidifica e se torna parte de um processo ainda maior, que se configura como a dominação da classe privilegiada economicamente sobre a classe menos favorecida.

Nos exemplos analisados, vemos que a Educação age de modo violento especialmente no que se refere à imposição dos modos de pensar e conhecer o mundo. Conforme a crítica presente no filme *Pink Floyd The Wall*, chegamos à conclusão de que o professor é vítima do sistema opressor da instituição escolar na medida em que precisa cumprir inúmeras exigências para atender aos objetivos do Estado e, por consequência, acaba por reproduzir tal opressão com os alunos, tornando-se um ditador e ditando as regras e condutas tidas como admissíveis no universo escolar.

Enfim, para combater esse tipo de opressão o indivíduo precisa participar de um ambiente que propicie uma reflexão crítica, além de ter condições e possibilidades de discutir e debater ideias sobre o mundo que o cerca. Acreditamos que o espaço ideal para esse tipo de atitude seja a escola, por meio da Educação.

Cíntia Morelli Rosa



A escola deveria promover um ensino de qualidade, que promovesse a autonomia dos indivíduos, que respeitasse e aceitasse a individualidade de cada um, contribuindo assim, para a formação de indivíduos críticos e capazes de transformar a realidade que os cerca.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. **O campo científico**. In: Ortiz, R. & Bourdieu, P. Coleção Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1994.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.

_____. **O Poder Simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. 11.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

COLOMBIER, Claire; MANGEL, Gilbert & PERDRIault, Marguerite. **A violência na escola**. São Paulo: Summus, 1989.

EDUCATIVA – a revista do professor. Coleção Educativa Especial. São Paulo: Editora Minuano, nº 03, ano I, 2009. p. 30 – 33.

FLEURI, Reinaldo Matias. **Educar para quê?** Contra o autoritarismo da relação pedagógica na escola. 9.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

SILVA, José Otacílio da. **Elementos de sociologia geral: Marx, Durkheim, Weber, Bourdieu**. Cascavel: Edunioeste, 2004.